

BOLETIM

Hortigranjeiro

VOLUME 12. Número 4. Abril de 2026



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

Fernanda Machiaveli Morão de Oliveira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Silvio Isoppo Porto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo Substituto Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo Interino de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Silvio Isoppo Porto

Superintendente de Gestão da Oferta (Sugof)

Candice Mello Romero Santos

Gerente de Produtos Hortigranjeiros (Gehor)

Flávia Machado Starling Soares

Equipe Técnica do Boletim

Aníbal Teixeira Fontes

Fernando Chaves Almeida Portela

Juliana Martins Torres

Newton Araújo Silva Junior

Sabrina Lima de Assis

Thaís França Silva

Copyright © 2026 - Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Disponível em: www.conab.gov.br
ISSN 2445-5860

Supervisão:

Candice Mello Romero Santos

Coordenação Técnica:

Flávia Machado Starling Soares

Responsáveis Técnicos:

Aníbal Teixeira Fontes
Fernando Chaves Almeida Portela
Juliana Martins Torres
Newton Araújo Silva Junior
Sabrina Lima de Assis
Thaís França Silva

Colaboradores: Centrais de Abastecimento do Brasil - CEASAS Associação Brasileira das Centrais de Abastecimento - ABRACEN

Editoração e layout: Superintendência de Marketing e Comunicação - Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Fotos: Alexander Lesnitsky, Ernesto Rodriguez, Holger Grybsch, Varintorn Katawong, Robert Owen Wahl, Capri23auto, Obodai26, PublicDomainPictures, Bru-nO, FruitnMore por Pixabay

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim Hortigranjeiro**, Brasília - DF, v. 12, n. 04, abril, 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737b Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim Hortigranjeiro / Companhia Nacional de Abastecimento.
- v. 1, n. 1 (2015-). - Brasília : Conab, 2015-
v.

Mensal

Disponível em: www.conab.gov.br.

ISSN: 2446-5860

1. Produto Hortigranjeiro. 2. Produção Agrícola. I. Título.

CDU 633/636(05)

SUMÁRIO

Apresentação	05
Análise das Hortaliças	06
Alface	07
Batata.....	09
Cebola.....	11
Cenoura	13
Tomate	15
Análise das Frutas	17
Banana	18
Laranja	20
Maçã	22
Mamão	24
Melancia	26
Mercado Internacional de Hortigranjeiros	28
Destaques das Centrais de Abastecimento	30

APRESENTAÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publica, neste mês de abril, o Boletim Hortigranjeiro nº 4 – Volume 12, no âmbito do Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro (Prohort). A publicação analisa a comercialização de frutas e hortaliças nos principais entrepostos públicos do país, importantes canais de abastecimento de produtos in natura.

A análise mensal contempla os produtos com maior representatividade nas Centrais de Abastecimento (Ceasas) e maior peso no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): alface, batata, cebola, cenoura, tomate, banana, laranja, maçã, mamão e melancia.

Os dados utilizados foram coletados nas Ceasas localizadas em São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ, Campinas/SP, Vitória/ES, Curitiba/PR, Goiânia/GO, Florianópolis/SC, Recife/PE, Fortaleza/CE e Rio Branco/AC, que, em conjunto, concentram parcela expressiva da comercialização nacional de hortigranjeiros.

Além dos produtos analisados regularmente, o Boletim destaca outros itens relevantes para o consumo alimentar que apresentam variações significativas de preços, oferecendo alternativas aos consumidores e agentes de mercado. Nesta edição, a seção Destaques das Ceasas aborda o tema “Capacitação de produtores da agricultura familiar para acesso integral a mercados: Conab e Ceasas Como incubadoras do processo”.

O Prohort, coordenado pela Conab, tem como pilares a coleta, sistematização e divulgação de informações de mercado, permitindo o acompanhamento de preços, volumes, origens, séries históricas e análises técnicas do setor hortigranjeiro. Os dados são coletados pelas Ceasas, validados pelos entrepostos e consolidados pela equipe técnica da Conab, sendo disponibilizados ao público no portal do Programa.

Os preços médios apresentados correspondem à média ponderada pela quantidade comercializada. Atualmente, a base de dados Conab/Prohort reúne informações de 117 frutas e 123 hortaliças, abrangendo mais de mil produtos considerando suas variedades.

ANÁLISE DAS HORTALIÇAS

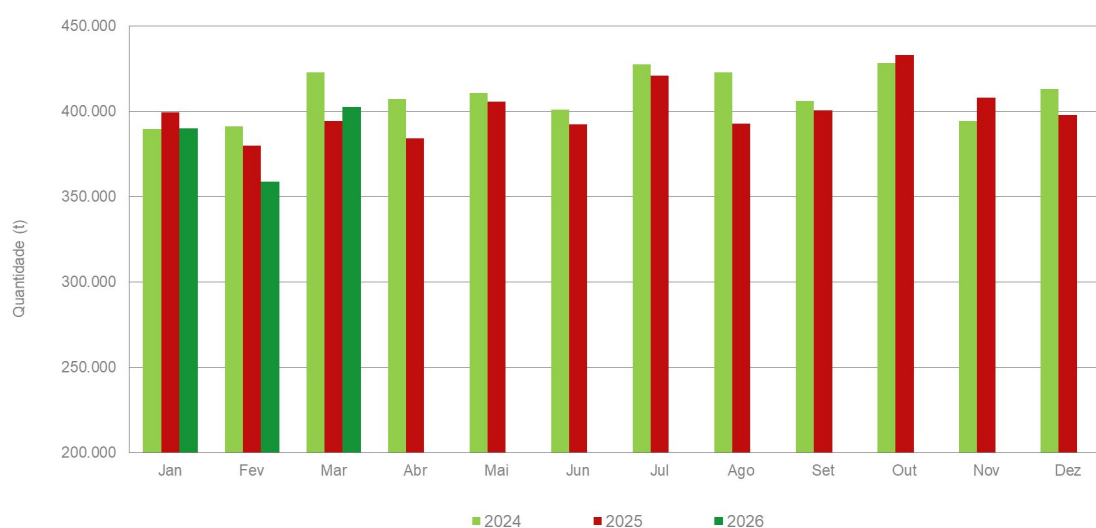
Hortaliças

O volume total de hortaliças comercializadas em março nas Ceasas analisadas apresentou queda de 1,9% em relação a fevereiro. Na comparação com março de 2025, houve aumento de 2,1%, enquanto, em relação a março de 2024, registrou-se redução de 4,8% no total comercializado. É importante considerar que fevereiro possui menor número de dias úteis, o que influencia essa comparação. Quando se analisa a média de comercialização por dia útil, observa-se que março apresentou, na realidade, uma queda de 13,3% em relação a fevereiro. Dessa forma, o movimento de alta de preços observado na maioria das principais hortaliças está diretamente relacionado à redução da oferta média diária ao longo do período.

O grupo de hortaliças raiz, bulbo, tubérculo e rizoma segue como o de maior representatividade, respondendo, em março, por 55,5% do volume total comercializado. Na comparação com fevereiro, houve aumento de 13,8%. No entanto, ao se considerar a oferta média diária, observa-se que março ficou 12,1% abaixo do total registrado no mês anterior. Dentro desse segmento, destaca-se a batata, que concentra quase 50% do volume comercializado. Embora tenha apresentado aumento de 13,7% na oferta total, quando analisada a comercialização média diária, março foi 12,1% inferior a fevereiro, influenciando diretamente o desempenho do subgrupo e, conseqüentemente, do grupo de hortaliças como um todo.

Já o subgrupo de hortaliças fruto registrou aumento de 10,9% na comparação com fevereiro, enquanto o segmento de hortaliças folha, flor e haste apresentou alta de 9,1% no mesmo período.

Gráfico 1 — Quantidade de hortaliças comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



A alface voltou a registrar alta em março, mantendo a tendência observada desde novembro, embora com variações de menor magnitude. O maior avanço ocorreu em janeiro deste ano, quando a média ponderada dos preços subiu 36,36%. Naquele mês, a Ceagesp – São Paulo apresentou incremento de 53,37%. Em março, a alta da média ponderada foi de 4,93%, com aumentos mais expressivos na Ceasa/PR – Curitiba (18,07%), na Ceasa/GO – Goiânia (14,63%) e na Ceasa/PE – Recife (14,15%). Já na Ceagesp – São Paulo, os preços permaneceram praticamente estáveis, com variação de 0,83%.

É importante ressaltar que essas diferenças entre as Centrais de Abastecimento são comuns no caso da alface, pois o abastecimento é majoritariamente regional e os movimentos de preço variam em intensidade e comportamento entre as Ceasas.

A oferta total nas dez Ceasas analisadas apresentou decréscimo de 17% em março, na comparação com fevereiro. Em termos absolutos, a comercialização foi maior na maioria das Ceasas, com exceção da Ceasa/GO – Goiânia. No entanto, ao considerar o número de dias úteis, observa-se que a oferta efetivamente caiu em todas elas.

Quando analisada a média diária de comercialização, o volume de alface em março foi 9,4% inferior ao registrado em fevereiro, fator que contribuiu para a pressão de alta nos preços. Além disso, a demanda manteve-se elevada ao longo de março, impulsionada pelo calor e a ocorrência de chuvas frequentes, que dificultaram a colheita e provoca perdas no campo.

Gráfico 2 — Preços médios (R\$/Kg) da alface nos entrepostos selecionados.

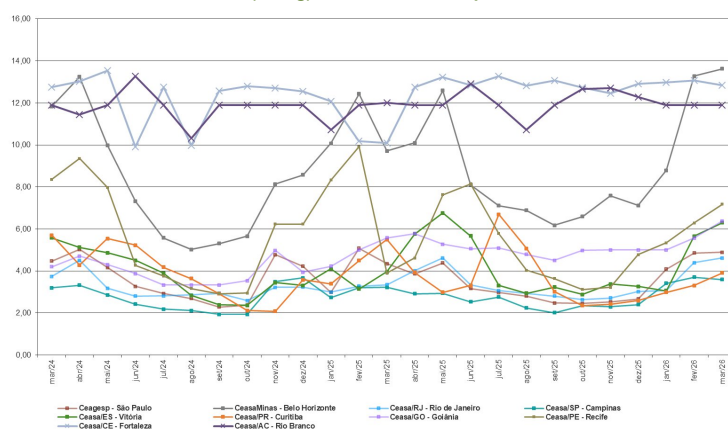
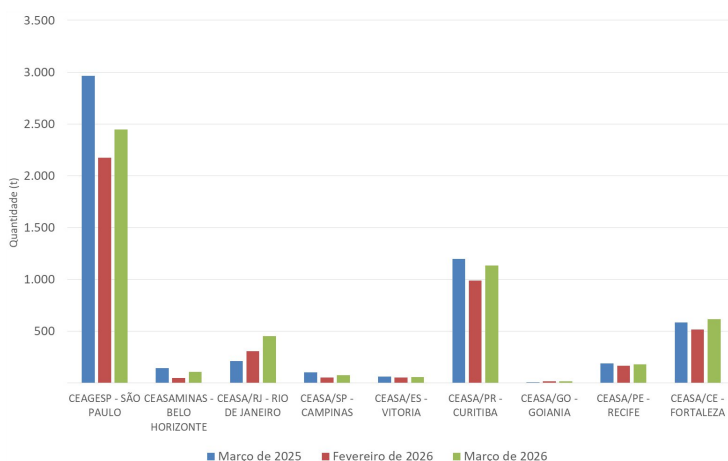
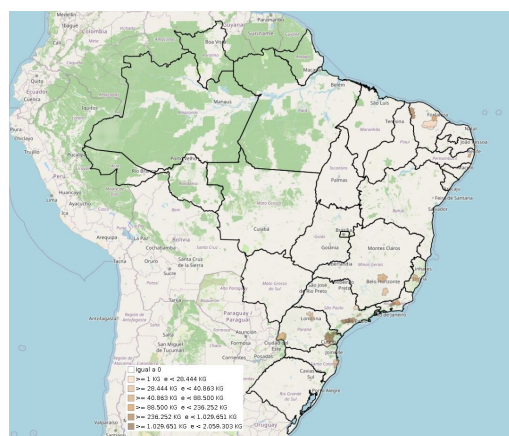


Gráfico 3 — Quantidade de alface comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Figura 1 — Principais microrregiões do país que forneceram alface para as Ceasas em março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 1 — Quantidade ofertada de alface para as Ceasas por unidade de federação em março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	2.516.333
PR	1.133.155
CE	609.180
RJ	454.862
PE	187.471
MG	115.508
ES	57.817
GO	15.764
AC	841
Soma	5.090.931

Microrregião	Quantidade Kg
PIEDADE-SP	2.059.302
CURITIBA-PR	1.193.848
IBIAPABA-CE	474.900
SERRANA-RJ	432.770
ITAPECERICA DA SERRA-SP	236.252
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE	180.757
NOVA FRIBURGO-RJ	146.826
MOGI DAS CRUZES-SP	145.563
BATURITÉ-CE	88.500
BELO HORIZONTE-MG	67.386
SANTA TERESA-ES	44.261
FOZ DO IGUAÇU-PR	42.679
GUARULHOS-SP	40.863
LONDRINA-PR	40.417
FLORIANÓPOLIS-SC	34.002
PORECATÚ-PR	30.508
BARBACENA-MG	28.444
AMPARO-SP	23.225
RIO NEGRO-PR	21.872
SERTÃO DE QUIXERAMOBIM-CE	16.420

São Paulo segue como o principal produtor nacional respondendo por 48,1% da oferta destinada às Ceasas. Dentro desse contexto, a microrregião de Piedade se destaca como a principal produtora, seguida por Itapecerica da Serra e Mogi das Cruzes, que também possuem papel relevante no abastecimento nacional, especialmente para a Ceagesp – São Paulo e a Ceasa/SP – Campinas. O Paraná aparece como o segundo maior ofertante, com participação de 22,6%, seguido pelo Ceará, com 12,1%. Nesses estados, destacam-se as microrregiões de Curitiba/PR e Ibiapaba/CE, que possuem forte expressão na oferta.

Diante do cenário observado ao longo do primeiro trimestre, a tendência de alta nos preços deve se manter em abril, ao menos na média. No entanto, o comportamento entre as Ceasas tende a ser heterogêneo, refletindo as condições climáticas de cada região. Na Ceasa/DF – Brasília, por exemplo, a continuidade das chuvas tem contribuído para a elevação dos preços. Até o momento, a média mensal registra alta expressiva de 47,0% em relação a março. Na região Sul, o movimento é mais moderado, sendo na Ceasa/PR – Curitiba de 5,8%, enquanto na Ceasa/SC – Florianópolis os preços permanecem estáveis. No Sudeste observa-se tendência de queda. Em São Paulo, na Ceasa de Campinas, os preços recuam 10,9%, e na Ceasaminas – Belo Horizonte a diminuição é de 8%.



BATATA

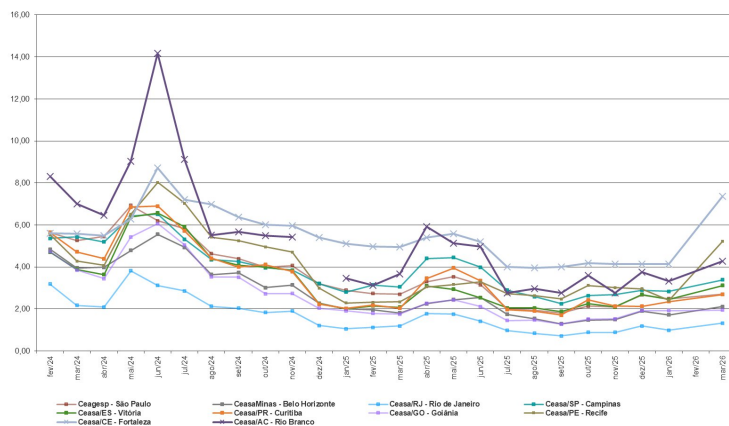
Pelo segundo mês consecutivo, o preço da batata apresentou alta. Desta vez, os percentuais positivos foram mais expressivos e ocorreram de forma generalizada entre as Ceasas analisadas. As variações oscilaram entre 3,38% na Ceasa/AC – Rio Branco e 75,48% na Ceasa/CE – Fortaleza. Também se destacam aumentos relevantes em outras Ceasas do Nordeste, como na Ceasa/PE – Recife, onde a alta foi de 59,26%. Nas Ceasas de São Paulo, tanto na capital quanto em Campinas, os aumentos ficaram em torno de 10% e na Ceasa/PR – Curitiba, a elevação foi de 27,81%.

As chuvas nas regiões produtoras ainda influenciaram a oferta de batata ao longo de março, porém de forma pontual, impactando os preços em períodos específicos. No total mensal, a oferta foi 13,7% superior à registrada em fevereiro. Entretanto, como fevereiro possui menos dias úteis, a comparação pela média diária revela queda de 12,1% na comercialização em março.

Essa redução na oferta diária foi influenciada principalmente pelos menores envios do Paraná (-22,1%) e da Bahia (-42,4%). No caso do Nordeste, abastecido majoritariamente pela produção baiana, essa retração pode ter exercido pressão sobre a oferta nas regiões Sudeste e Sul, já que os envios da Bahia diminuíram de forma significativa.

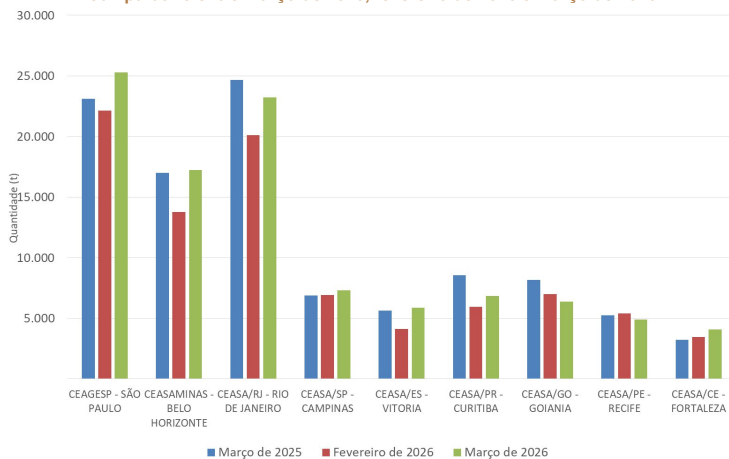
Cabe destacar que, em relação a março de 2025, a oferta proveniente da Bahia também foi menor, com redução de 35%. A principal microrregião produtora do Nordeste é Seabra, com destaque para os municípios de Mucugê e Ibicoara. Quanto à participação na comercialização total das Ceasas analisadas em março, o Paraná manteve a liderança, com 38%, seguido por Minas Gerais (25%), Bahia (15%), Rio Grande do Sul (15%) e Santa Catarina (5%). O restante do volume teve origem em estados com menor expressão produtiva nesse período.

Gráfico 4— Preços médios (R\$/Kg) da batata nos entrepostos selecionados.



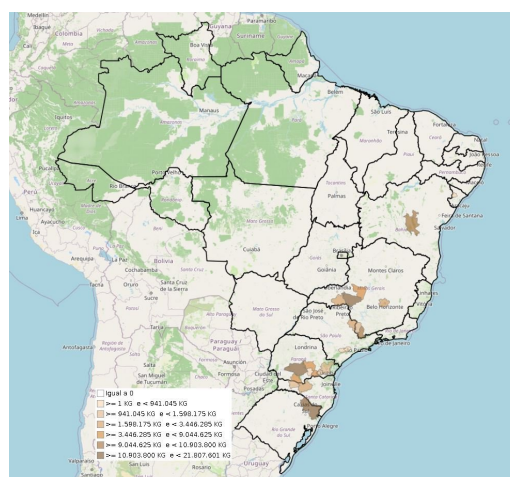
Fonte: Conab/Ceasas

Gráfico 5 — Quantidade de batata comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Figura 2 — Principais microrregiões do país que forneceram batata para as Ceasas analisadas em março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 2 — Quantidade ofertada de batata para as Ceasas por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
PR	37.792.591	GUARAPUAVA-PR	21.807.600
MG	32.280.956	VACARIA-RS	15.053.700
RS	12.045.825	ARAXÁ-MG	14.512.496
BA	10.522.205	SEABRA-BA	10.433.205
SP	3.762.793	POUSO ALEGRE-MG	9.044.625
SC	3.624.425	SÃO MATEUS DO SUL-PR	6.480.927
SE	521.800	PALMAS-PR	5.051.850
GO	432.925	PRUDENTÓPOLIS-PR	4.029.500
CE	67.100	PATOS DE MINAS-MG	3.446.285
PE	47.650	BELO HORIZONTE-MG	2.685.836
RN	42.000	JOAÇABA-SC	2.478.825
RJ	38.550	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	2.081.825
ES	3.400	UBERABA-MG	1.598.175
		CURITIBA-PR	1.567.969
		XANXERÊ-SC	1.478.675
		POÇOS DE CALDAS-MG	1.136.025
		LAPA-PR	941.045
		IRATI-PR	538.575
		CARIRA-SE	473.800
		PIEDADE-SP	430.845
Soma	101.182.220		

Fonte: Conab/Ceasas

No caso do Paraná, de acordo com a Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do estado, a safra 2025/26 — já praticamente colhida — está estimada em 564,8 mil toneladas. Esse volume é 3% inferior ao da safra 2024/25, porém 22,9% superior ao registrado em 2023/24. Para a segunda safra, referente ao período da seca/inverno de 2026, as estimativas iniciais indicam produção praticamente estável em relação a 2025, com previsão de 309,8 mil toneladas. Diante desse cenário, o Paraná deve se manter como principal fornecedor das Ceasas, ao menos até os meses de junho e julho.

No final de março, o comportamento dos preços foi de queda, impulsionado por uma boa oferta nacional. Esse cenário resultou em estoques elevados no encerramento do mês e início de abril, o que contribuiu para conter os preços, mesmo diante do aumento da demanda típico do período da Semana Santa. Com o avanço de abril, no entanto, a redução dos estoques e a menor oferta passaram a pressionar os preços para cima. Após a primeira semana do mês, especialmente a partir do dia 06, logo após a Sexta-Feira Santa, observou-se reação nas cotações na maioria das Ceasas, em função da menor disponibilidade de batata para comercialização. Na Ceagesp – São Paulo, o preço entre os dias 30/03 e 06/04 subiu 15%, embora, posteriormente, tenha apresentado tendência de queda. Já na Ceasa/SP – Campinas, a alta se manteve ao longo de todo o mês de abril. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, na mesma comparação, o aumento foi superior a 60%, mantendo-se até o dia 17. Na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, o preço médio registrou elevação de 20%. Por outro lado, nas principais Ceasas do Nordeste, como Recife e Fortaleza (Maracanaú), foi observada queda de aproximadamente 20% em ambas.



CEBOLA

Hor

Em março, observou-se alta expressiva e generalizada dos preços em todas as Ceasas analisadas. Na média ponderada, o aumento foi de 52,16% em relação à média de fevereiro. As variações positivas oscilaram entre 26,25% na Ceasa/CE – Fortaleza e 69,35% na Ceasaminas – Belo Horizonte. Também foram registrados aumentos relevantes em outras Ceasas, como na Ceasa/ES – Vitória (60,74%), na Ceasa/PE – Recife (49,42%), na Ceasa/SP – Campinas (48,02%), na Ceagesp – São Paulo (45,53%) e na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (40,62%). Cabe destacar que, desde o início do segundo semestre de 2025, os preços vinham apresentando tendência declinante, atingindo níveis relativamente baixos.

A comercialização de cebola nas Ceasas em março manteve o mesmo padrão observado em janeiro e fevereiro, com aumento no volume total em relação ao mês anterior. No entanto, ao considerar o número de dias úteis, verifica-se que a média diária comercializada foi inferior à de fevereiro, com redução de 14,1%. Os envios provenientes de Santa Catarina apresentaram queda de 41,7% nessa comparação, indicando o encerramento praticamente completo da safra 2025/26. Ainda assim, o estado permaneceu como principal fornecedor, respondendo por cerca de 70% da comercialização total em março. Em termos regionais, a região Sul concentrou mais de 80% do volume comercializado, seguida pelo Nordeste, com aproximadamente 10%, e pelo Sudeste, com participação de cerca de 5%. Nesse período, o transporte assume papel fundamental, já que a cebola produzida na região Sul abastece mercados em todas as regiões do país. Na Ceasa/PE – Recife, por exemplo, a participação foi de cerca de 40% do total comercializado, sendo que esse mercado está a aproximadamente 3.400 km de Ituporanga, em Santa Catarina, principal polo produtor nacional. Na Ceasa/CE – Fortaleza, essa participação foi ainda maior, alcançando cerca de 60%, com a cebola percorrendo aproximadamente 3.700 km até o destino.

Gráfico 6 — Preços médios (R\$/Kg) da cebola nos entrepostos selecionados.

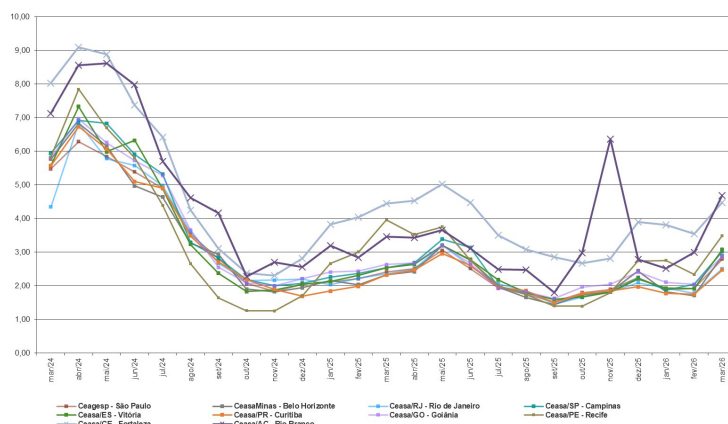


Gráfico 7 — Quantidade de cebola comercializada nos entrepostos no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

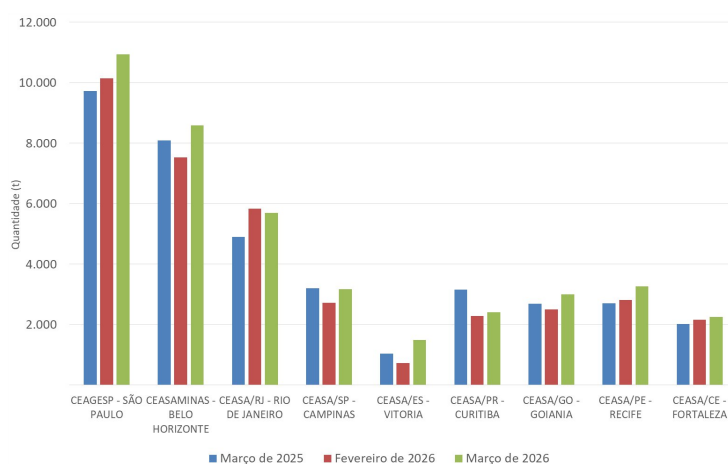
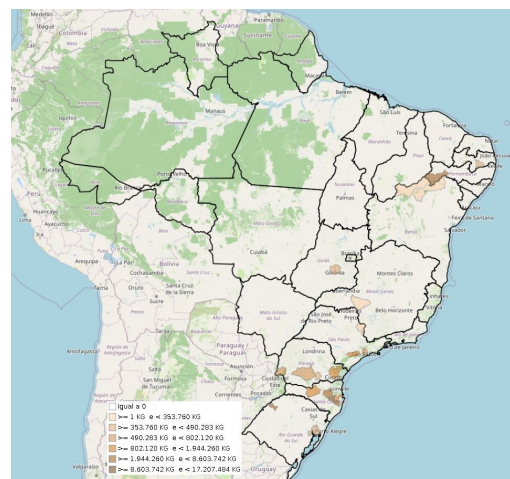


Figura 3 — Principais microrregiões do país que forneceram cebola para as Ceasas, em março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 3 — Quantidade ofertada de cebola para as Ceasas por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SC	27.784.523
RS	3.531.360
PR	2.862.880
PE	2.014.960
SP	1.768.805
NI	683.340
MG	615.470
BA	600.350
GO	458.320
PB	382.100
CE	79.200
RJ	76.220
RN	58.000
ES	14.600
Soma	40.930.128

Microrregião	Quantidade Kg
ITUPORANGA-SC	17.207.483
RIO DO SUL-SC	6.558.340
TABULEIRO-SC	2.853.100
CERRO LARGO-RS	2.820.500
PETROLINA-PE	1.944.260
JOAÇABA-SC	1.578.860
TIJUCAS-SC	1.235.500
CURITIBA-PR	929.260
PIEDADE-SP	802.120
GUARAPUAVA-PR	759.540
IMPORTADOS	683.340
FOZ DO IGUAÇU-PR	545.000
SÃO PAULO-SP	490.283
GOIÂNIA-GO	448.500
IRATI-PR	414.720
CARIRI ORIENTAL-PB	367.100
PORTO ALEGRE-RS	353.760
JUAZEIRO-BA	352.000
ARAXÁ-MG	333.900
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	281.500

Com a finalização da colheita catarinense, as novas estimativas para a safra 2025/26, segundo a EPAGRI/SC, indicam produção 13,1% superior à safra 2024/25. Esse aumento foi o principal fator para os baixos níveis de preço da cebola observados neste ano. De acordo com a mesma instituição, a safra 2025/26 configura-se como recorde, sendo a maior desde 2012, início da série histórica.

Em abril, mesmo com a continuidade da dependência do abastecimento proveniente de Santa Catarina e o início da produção em outros estados, os preços da cebola seguem em alta na maioria das Ceasas. Esse movimento é explicado, principalmente, pela menor oferta e pelos elevados custos de transporte. Na média, o preço na Ceasa/PR – Curitiba está cerca de 20% acima da média de março, mesmo percentual observado na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro. No mercado de Juazeiro/BA, a alta em abril chegou a 30%. Já na Ceasa/DF – Brasília e na Ceasaminas – Belo Horizonte, os aumentos ficaram em torno de 10%.



CENOURA

Hor

Após um período de relativa estabilidade desde agosto de 2025, com pequenas oscilações em ambos os sentidos, os preços da cenoura apresentaram forte elevação em março em todas as Ceasas analisadas. As altas variaram de 34,90% na Ceasaminas – Belo Horizonte a 75,97% na Ceasa/PR – Curitiba. Todos os aumentos foram expressivos, com destaque também para a Ceagesp – São Paulo (61,65%), Ceasa/SP – Campinas (74,02%), Ceasa/GO – Goiânia (66,01%), Ceasa/PE – Recife (65,53%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (65,76%). Na comparação anual, observa-se uma mudança de cenário: ao longo dos meses anteriores, os preços de 2026 estavam abaixo dos praticados em 2025, porém, em março, essa situação se inverteu. Com exceção da Ceasa/CE – Fortaleza, todas as demais registraram preços superiores aos do mesmo período do ano anterior. Destaca-se o caso da Ceagesp – São Paulo, onde a cotação ficou 38,7% acima na comparação anual.

Em relação à oferta, houve um pequeno aumento em março na comparação com fevereiro. No entanto, esse movimento foi mais perceptível no início do mês. Já na segunda quinzena de fevereiro, os envios às Ceasas foram prejudicados pelo baixo ritmo de colheita, em função das chuvas, o que resultou em sucessivas altas de preços, tendência que se manteve em março. Além disso, ao considerar os dias úteis, a comercialização média diária de cenoura em março foi 17,6% inferior à de fevereiro. Esse cenário de menor oferta contribuiu diretamente para a pressão de alta sobre os preços.

Como exemplo, na Ceagesp – São Paulo o preço da cenoura encerrou fevereiro a R\$2,79/kg, subiu para R\$3,60 no início de março e atingiu R\$4,56/kg em meados do mês, registrando seu pico no dia 16. Já na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro, o maior valor foi observado no dia 18/03, quando o produto alcançou R\$5,50/kg. Dessa forma, após as altas registradas em meados de março, os preços passaram a ceder na maioria das Ceasas, refletindo o aumento da oferta.

Gráfico 08 — Preços médios (R\$/Kg) da cenoura nos entrepostos selecionados.

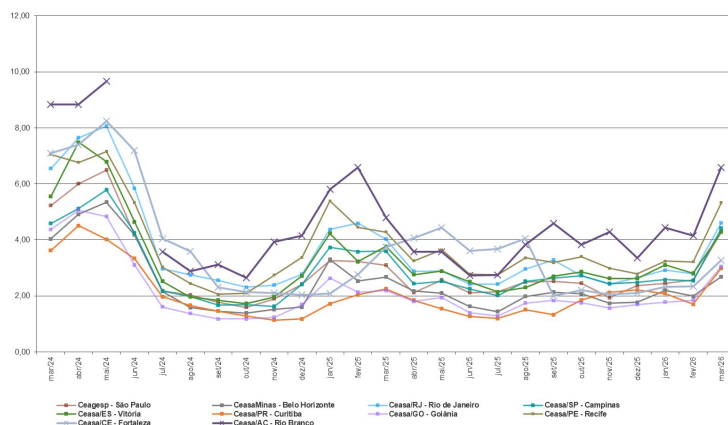


Gráfico 09 — Quantidade de cenoura comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

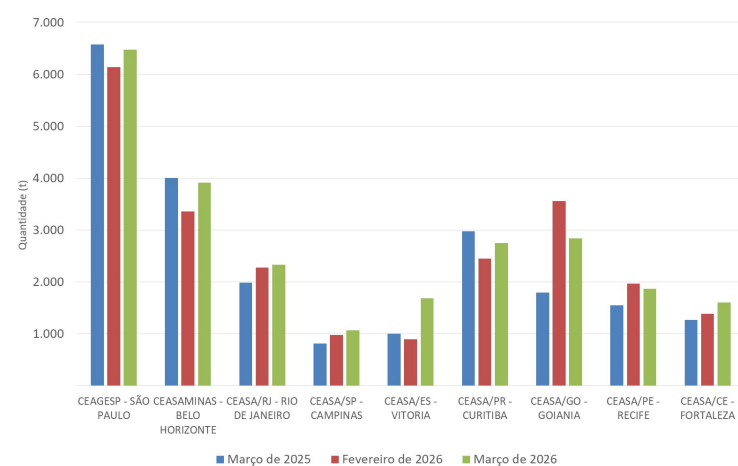
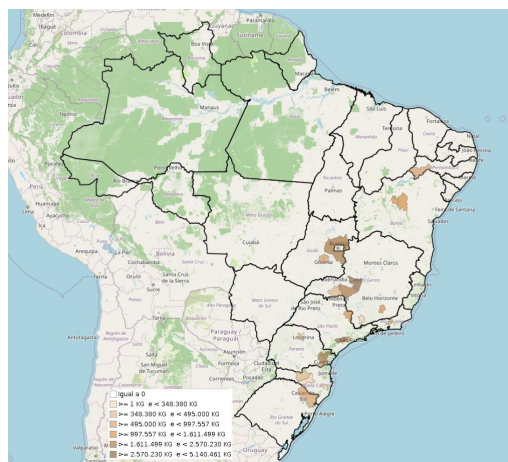


Figura 4 — Principais microrregiões do país que forneceram cenoura neste Boletim, em março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



Tabela 4 — Quantidade ofertada de cenoura para as Ceasas por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	9.002.360	PATOS DE MINAS-MG	5.140.460
SP	7.060.803	PIEDADE-SP	4.862.644
GO	3.141.092	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	2.166.283
PR	2.317.733	CURITIBA-PR	1.889.452
BA	1.344.160	ARAXÁ-MG	1.611.499
PE	523.040	BARBACENA-MG	1.302.414
RJ	379.600	IRECÊ-BA	1.181.160
SC	358.744	SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.020.600
RS	354.674	ITAPECERICA DA SERRA-SP	997.557
ES	54.820	GOIÂNIA-GO	702.030
PB	26.700	VACARIA-RS	558.266
CE	10.400	RIO NEGRO-PR	550.857
NI	3.740	PETROLINA-PE	495.000
Soma	24.577.866	UBERABA-MG	387.530
		JOAÇABA-SC	353.908
		SERRANA-RJ	352.150
		APUCARANA-PR	348.380
		TABULEIRO-SC	314.860
		CURITIBANOS-SC	266.856
		SANTA RITA DO SAPUCAÍ-MG	250.460

Cabe destacar que Minas Gerais, especialmente a região de São Gotardo, é o principal polo produtor nacional, responsável por abastecer Ceasas em diversas regiões do país. Esse cenário pode ser exemplificado pela dinâmica de comercialização na Ceasa/CE – Fortaleza. Em março, a cenoura proveniente de Minas Gerais representou cerca de 40% do total comercializado, enquanto Goiás participou com 22% e Pernambuco com 30%, entre os principais fornecedores. Assim, uma parcela significativa do produto consumido no Nordeste tem origem em outras regiões, percorrendo distâncias superiores a 2.500 km até o destino final. Diante disso, o custo de transporte torna-se um fator relevante na formação dos preços. Nesse contexto, os recentes aumentos nos fretes, impulsionados pela elevação dos custos com combustível, certamente contribuíram para a alta observada nos preços finais.

Com a redução da oferta, especialmente a partir de Minas Gerais, principal estado produtor, os preços voltaram a subir de forma significativa neste início de abril. Na média, o preço na Ceagesp – São Paulo está cerca de 25% acima da média de março. Na mesma comparação, a alta chega a 45% na Ceasaminas – Belo Horizonte e a 40% na Ceasa/DF – Brasília. Na região Sul, os aumentos foram ainda mais expressivos: na Ceasa/PR – Curitiba, a elevação atingiu 70%, enquanto na Ceasa/RS – Porto Alegre o preço médio subiu quase 50%.



TOMATE

Observa-se uma clara tendência de alta nos preços do tomate desde dezembro de 2025. Até fevereiro, os reajustes ocorreram de forma moderada; contudo, em março registrou-se a variação mais expressiva do período, com aumentos significativos em todas as Ceasas analisadas. Os percentuais de alta variaram entre 13,26% na Ceasa/CE – Fortaleza e 70,68% na Ceasa/SP – Campinas. Destacam-se também os aumentos na Ceagesp – São Paulo (61,65%) e na Ceasa/PE – Recife (41,16%). Esse movimento de elevação foi observado em todas as regiões do país, como na Ceasa/GO – Goiânia, com aumento de 14,20%, e na Ceasa/PR – Curitiba, com alta de 26,93%. Trata-se de um comportamento típico para o início do ano, sendo importante ressaltar que, em 2024/2025, também houve elevação de preços nesse período, com intensificação em março, mês tradicionalmente marcado por cotações mais elevadas para o tomate.

A comercialização de tomate em março foi superior à observada em fevereiro. No entanto, é importante destacar que, no acumulado do primeiro trimestre, a oferta permanece abaixo dos níveis registrados no final de 2025, quando os meses de outubro, novembro e dezembro concentraram os maiores volumes comercializados. Apesar do aumento mensal, ao se considerar a média diária de comercialização, março apresentou volume 17,5% inferior ao de fevereiro. Esse cenário reforça a percepção de menor oferta efetiva no mercado. Além disso, a desaceleração da safra de verão, aliada ao início ainda incipiente da safra de inverno, contribui para a redução da disponibilidade do produto, enquanto a demanda segue pressionando os preços para cima.

Gráfico 10 — Preços médios (R\$/Kg) do tomate nos entrepostos selecionados.

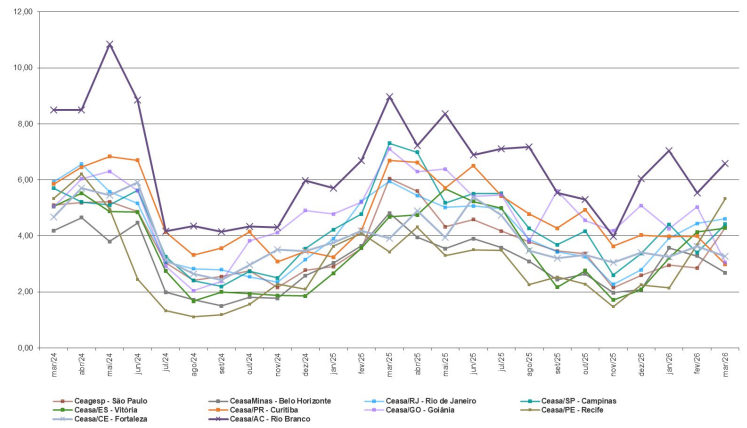


Gráfico 11 — Quantidade de tomate comercializado no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

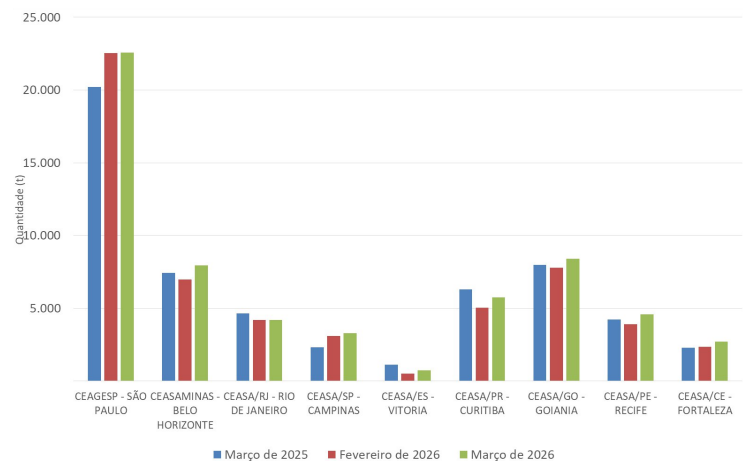
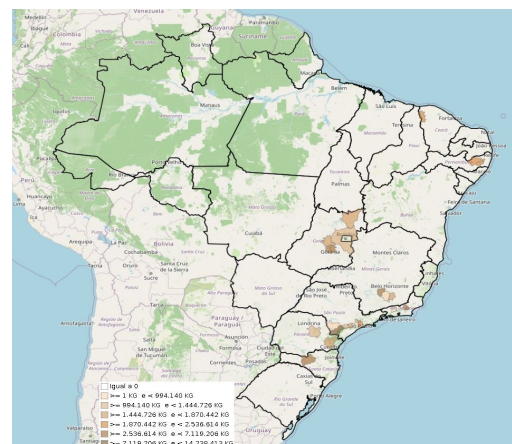


Figura 5 — Principais microrregiões do país que forneceram tomate em março de 2026.



Fonte: Conab/Ceasas

Tabela 5 — Quantidade ofertada de tomate por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SP	20.799.666	CAPÃO BONITO-SP	14.238.412
MG	9.736.045	JOAÇABA-SC	4.835.049
GO	8.838.631	GOIÂNIA-GO	4.275.602
SC	5.374.160	OLIVEIRA-MG	3.419.096
PE	4.389.372	NOVA FRIBURGO-RJ	2.536.614
PR	4.131.037	BREJO PERNAMBUCANO-PE	2.286.278
CE	2.449.935	IBIAPABA-CE	1.961.550
RJ	2.408.120	SÃO PAULO-SP	1.929.275
ES	1.461.046	VALE DO IPOJUCA-PE	1.870.442
RS	288.329	ANÁPOLIS-GO	1.625.509
BA	222.968	CURITIBA-PR	1.554.647
PB	147.411	BARBACENA-MG	1.537.157
AL	13.080	CHAPADA DOS VEADEIROS-GO	1.444.726
SE	6.000	TELÊMACO BORBA-PR	1.245.304
DF	3.190	ENTORNO DE BRASÍLIA-GO	1.177.948
Soma	60.268.990	PIEDADE-SP	1.046.955
		OSASCO-SP	994.140
		ITAPEVA-SP	966.134
		VASSOURAS-RJ	867.500
		SÃO JOÃO DEL REI-MG	837.205

As temperaturas elevadas no final do ano aceleraram a maturação do tomate, reduzindo a capacidade de controle da oferta por parte dos produtores. Com isso, ocorreu o esgotamento das áreas em ponto de colheita, fazendo com que a oferta atual se mantenha em níveis inferiores aos observados no final de 2025, o que tem pressionado os preços para cima. Além disso, o tomate, por ser uma hortaliça altamente perecível onde seu direcionamento ao mercado é quase imediatamente após a colheita, aumentando o risco de perdas pós-colheita e dificultando o armazenamento.

Observa-se ainda que a oferta proveniente dos principais estados produtores, no primeiro trimestre do ano, está significativamente abaixo daquela registrada no último trimestre de 2025, especialmente em Goiás e Minas Gerais. Esses dois estados, juntamente com São Paulo, respondem por cerca de 70% da comercialização de tomate nas Ceasas. São Paulo se destaca como o principal fornecedor, com predominância dos envios oriundos da microrregião de Capão Bonito, especialmente dos municípios de Ribeirão Branco, Apiaí e Guapiara.

O cenário de preços elevados do tomate, observado em março, se mantém em abril, refletindo uma oferta que ainda não se recuperou. Como exemplo, na Ceagesp – São Paulo, a média de preços em abril, até o momento, está quase 20% acima da média de março. Na Ceasaminas – Belo Horizonte, essa variação positiva é de aproximadamente 10%. Em sentido contrário, os preços na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro apresentaram queda em abril, com variação média negativa próxima de 15%.

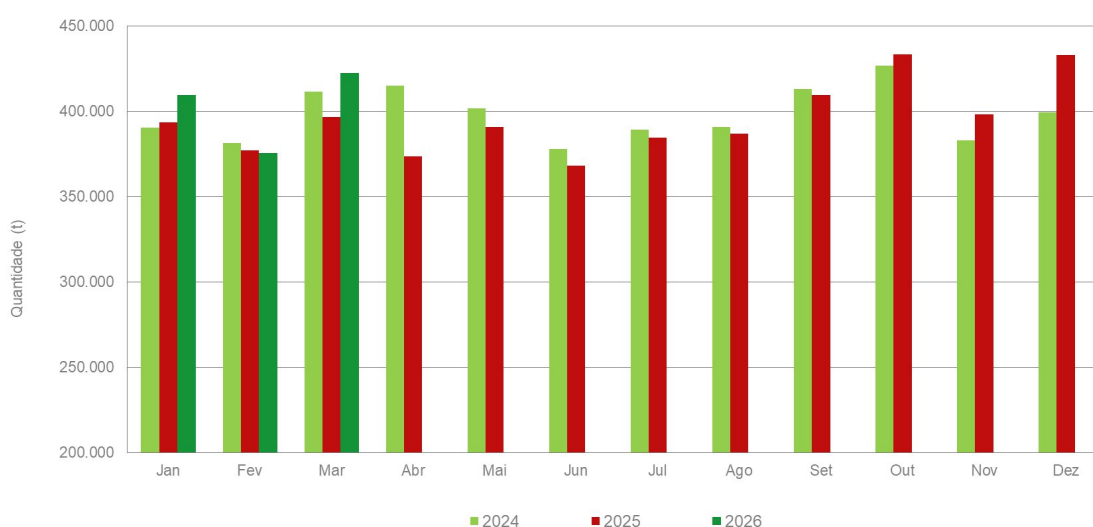
ANÁLISE DAS FRUTAS

No mês de março de 2026, o segmento das frutas comercializadas nas Ceasas apresentou alta de 12,5% em relação ao mês anterior, alta de 6,5% em relação ao mesmo mês de 2025 e elevação de 3,4% em face do primeiro trimestre de 2025. Em relação a março de 2024, ocorreu alta de 2,6%.

A elevação em relação ao mês anterior ocorreu principalmente porque março teve cinco dias úteis a mais do que fevereiro, o que impactou os resultados. Observou-se também aumento leve a moderado na comercialização de todas as frutas, impulsionado pelo crescimento — ainda que pequeno — da produção. Destacam-se o mercado de maçã, em função do período de safra na Região Sul, que resultou em aumento de 19% na oferta, e o mercado de mamão, com alta de 22%, devido à maior colheita da variedade papaya, após um mês anterior marcado por menor oferta e preços mais elevados dessa variedade.

Em relação à comercialização da melancia, foi registrada alta de 6%, por exemplo, com maiores envios da Bahia e São Paulo. A laranja representou, em volume, 14,6% de todas as frutas comercializadas nas Ceasas no mês (não só as cinco principais analisadas nesse boletim) e alta de 1% em relação a fevereiro. Já o mercado de banana apresentou elevação de 7% por conta do pequeno aumento da produção nas principais regiões produtoras do mês.

Gráfico 12 — Quantidade de frutas comercializadas nas Ceasas em 2024, 2025 e 2026.



Fonte: Conab/Ceasas



BANANA

Em março, para o mercado da banana, as cotações subiram na maioria das Ceasas com destaque para a CeasaMinas – Belo Horizonte (16,4%), Ceasa/PR – Curitiba (27,65%) e Ceasa/CE – Fortaleza (23,84%). Já a quantidade comercializada também subiu na maior parte dos entrepostos atacadistas, destacadamente na CeasaMinas – Belo Horizonte (12%), Ceasa/PE – Recife (22%), além de queda na Ceasa/GO – Goiânia (-8%).

O mês de março foi marcado pelo aumento da oferta proveniente de Minas Gerais (12,6%), Pernambuco (12,1%), Ceará (15,5%) e Bahia (13,2%). Nas praças mineiras, esse crescimento ocorreu principalmente no fornecimento de banana-prata, movimento explicado pela redução das compras por parte dos atacadistas no mês anterior, influenciada pelo feriado de Carnaval e pelo fim do mês, período em que os consumidores tendem a estar mais descapitalizados. Com isso, em março, a demanda reprimida na maior parte das centrais de abastecimento acabou absorvendo o aumento — ainda que modesto — da oferta.

Já a comercialização da banana nanica esteve estagnada ou diminuiu em diversas localidades, fruto da menor quantidade produzida tanto em regiões mineiras, baianas e capixabas, mas, principalmente, na microrregião de Registro (SP) e no norte catarinense que são grandes regiões produtoras. Essa diminuição ocorreu por causa de picos de oferta em janeiro e no início de fevereiro, pois o aumento da temperatura e de chuvas pontuais favoreceram a aceleração do amadurecimento das frutas. Assim, com o registro da menor oferta e o aumento da demanda, tanto para o consumidor em particular quanto para os compradores institucionais (escolas, por exemplo), os preços subiram.

Gráfico 13 — Preços médios (R\$/Kg) da banana nos entrepostos selecionados.

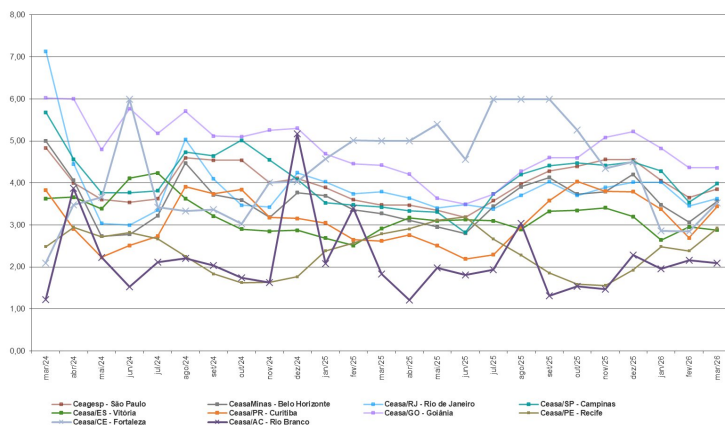


Gráfico 14 — Quantidade de banana comercializada no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

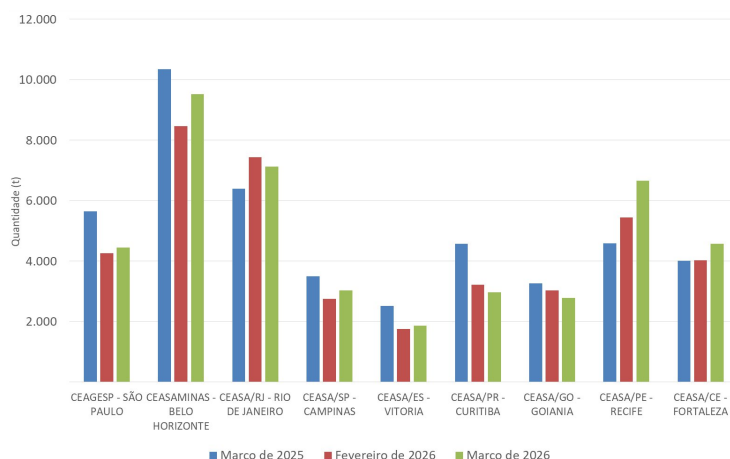


Figura 6 — Principais microrregiões do país que forneceram banana em março de 2026.

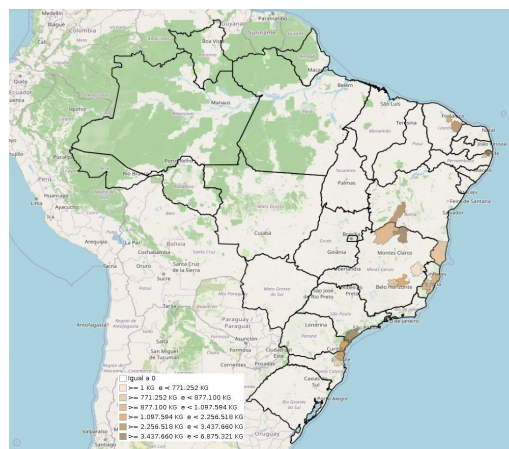


Tabela 6 — Quantidade ofertada de banana para as Ceasas por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
MG	14.538.485	JANAÚBA-MG	6.875.320
PE	5.828.103	REGISTRO-SP	4.477.968
CE	5.065.367	MATA SETENTRIONAL	
SP	4.843.618	PERNAMBUCANA-PE	3.974.090
ES	4.259.269	BAIXO JAGUARIBE-CE	3.103.967
BA	3.657.852	BOM JESUS DA LAPA-BA	2.256.518
SC	1.878.509	JOINVILLE-SC	1.717.617
PR	1.217.254	BATURITÉ-CE	1.614.175
GO	616.365	ITABIRA-MG	1.347.589
AC	584.035	PARANAGUÁ-PR	1.097.594
RJ	461.640	LINHARES-ES	1.034.170
RN	297.669	AFONSO CLÁUDIO-ES	1.017.065
PB	174.740	GUARAPARI-ES	932.680
MA	147.600	JANUÁRIA-MG	877.100
AM	12.750	BELO HORIZONTE-MG	846.178
RO	8.850	SANTA TERESA-ES	794.831
RS	7.600	MÉDIO CAPIBARIBE-PE	794.450
PI	4.350	PORTO SEGURO-BA	771.252
Soma	43.604.056	ITAJAÍ-SC	758.210
		BLUMENAU-SC	742.788
		GOVERNADOR VALADARES- MG	678.637

Em Pernambuco e no Ceará vicejou a lógica do aumento da oferta com aumento de preços e da demanda, com os envios de diversos tipos de bananas concentrados a partir da Mata Setentrional Pernambucana e do Baixo Jaguaribe (CE). O aumento da oferta nas duas Ceasas analisadas, conforme dados do Prohort acerca das origens das frutas comercializadas pelas Ceasas, foi superior a 10%, em ambos os casos.

Em relação à primeira quinzena do mês de abril, os preços tiveram leve preponderância à queda no mercado de banana nanica na maioria das Ceasas, enquanto para o mercado de banana prata, houve elevação das cotações. A tendência é que no mercado de banana nanica haja estabilidade, com queda de preços possível se nenhum evento climático comprometer a produção e o preço da banana prata, principal concorrente, não diminuir de forma considerável. As cotações da banana prata devem oscilar no período, a depender da demanda e da produção e consumo nas diferentes regiões produtivas. No início do mês, por exemplo, a menor oferta impulsionou elevação das cotações.



LARANJA

Hor

Em março, o mercado de laranja apresentou pequenas variações de preços, com predominância de queda na Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-9,75%) e na Ceasa/GO – Goiânia (-3,84%), e elevação na Ceasa/AC – Rio Branco (32,09%).

Quanto à comercialização, os dados indicam aumento da oferta na maior parte das Ceasas. No entanto, embora a média tenha sido de apenas 1%, houve grande heterogeneidade entre as regiões, com variações bastante elevadas em alguns mercados e quedas acentuadas em outros. Destacam-se os aumentos na CeasaMinas – Belo Horizonte (20%) e na Ceasa/CE – Fortaleza (51%), em contraste com a forte retração observada na Ceasa/GO – Goiânia (-41%).

Em relação ao mês anterior, o fornecimento de frutas aos entrepostos atacadistas no cinturão citrícola cresceu 2,84%, houve aumento de 12,46% em Sergipe e registrou alta de 81,2% na Bahia. Para os meses de abril e maio, projeta-se uma redução gradual da oferta, acompanhada por leve elevação dos preços, uma vez que a disponibilidade tende a diminuir a partir de abril e se estabilizar até o início da próxima safra. Esse movimento ocorre apesar da maior facilidade de colheita das últimas frutas da temporada, favorecida pela menor incidência de chuvas. Em relação à demanda, tanto no atacado quanto no varejo, a expectativa é de manutenção de um comportamento estável, sem variações abruptas.

Para a próxima safra, existem dúvidas quanto ao volume, se maior ou menor em relação ao fechamento feito pelo Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), no valor de 293 milhões de caixas de 40,8kg, que corresponde a 27% maior em relação à safra anterior. Fatores como déficit hídrico e a presença ainda significativa da doença greening contribuíram para que o resultado não fosse melhor.

Gráfico 15: Preços médios (R\$/Kg) da laranja nos entrepostos selecionados.

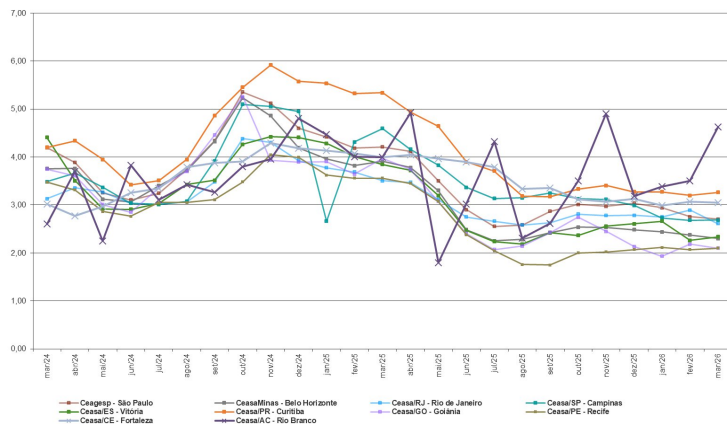


Gráfico 16 — Quantidade de laranja comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2025 e março de 2026.

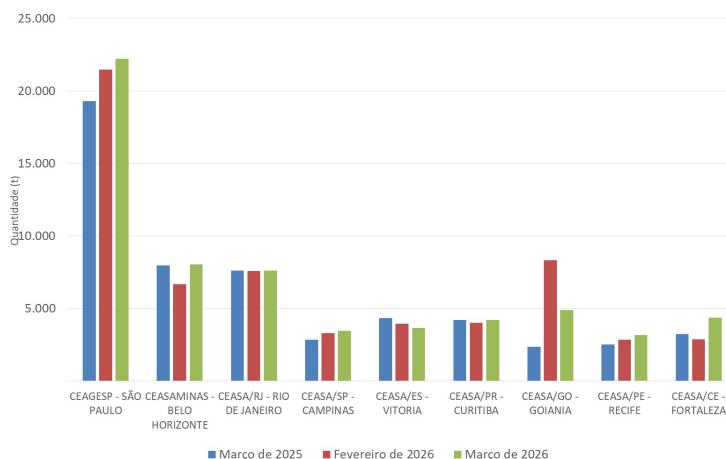


Figura 7 — Principais microrregiões do país que forneceram laranja em março 2026.

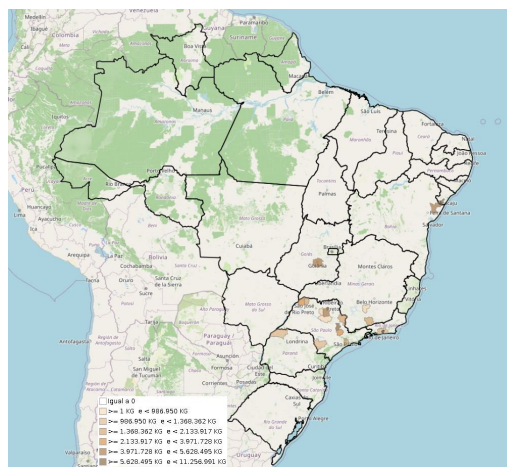


Tabela 7 — Quantidade ofertada de laranja para as Ceasas por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg
SP	37.867.721
SE	6.647.796
MG	4.505.600
BA	4.361.945
GO	4.126.268
PR	1.347.774
RJ	1.302.575
NI	1.057.740
AL	181.501
CE	97.404
RS	72.240
SC	51.600
ES	39.998
PE	16.120
PB	14.500
AC	9.720
RO	6.000
MS	5.700
DF	3.150
AM	2.000
Soma	61.717.352

Microrregião	Quantidade Kg
LIMEIRA-SP	11.256.990
BOQUIM-SE	6.376.925
JABOTICABAL-SP	5.399.141
ALAGOINHAS-BA	4.056.155
GOIÂNIA-GO	3.971.728
MOJI MIRIM-SP	3.277.531
PIRASSUNUNGA-SP	3.238.167
JALES-SP	3.065.381
CAMPINAS-SP	2.133.917
SÃO PAULO-SP	1.622.849
FERNANDÓPOLIS-SP	1.409.920
SÃO JOÃO DA BOA VISTA-SP	1.374.815
ANDRELÂNDIA-MG	1.368.362
PARANAÍ-PR	1.165.340
ITAPEVA-SP	1.074.360
IMPORTADOS	1.057.740
RIO DE JANEIRO-RJ	986.950
ARARAQUARA-SP	815.402
CATANDUVA-SP	711.260
OLIVEIRA-MG	709.000

No que diz respeito aos custos de produção, a tendência é de elevação, especialmente nos segmentos de logística e fertilizantes, em função da pressão altista sobre os preços dos derivados de petróleo. Isso ocorre porque o Brasil não é autossuficiente no refino nem na produção de insumos químicos derivados do petróleo, o que o torna dependente de importações para o abastecimento do mercado interno.

Em relação aos estoques de suco de laranja, foi registrado aumento decorrente da safra mais produtiva em relação à anterior, tanto em qualidade quanto quantidade. Além disso, a demanda internacional diminuiu com a queda das compras feitas pela União Europeia (decorrente de maiores preços em 2024/2025 e da queda da qualidade de alguns sucos, com a adição de água ou outras substâncias). Assim, eles aumentaram os níveis desde 2021, passando de 351.483 toneladas em dezembro de 2024 para 616.460 toneladas em dezembro de 2025, aumento esse de 75,4%, segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cítricos (CitrusBr). Se a próxima safra for um pouco maior do que a atual e o crescimento da demanda europeia for lento, eles tenderão a aumentarem ainda mais.

No que tange à primeira quinzena do mês de abril, os preços permaneceram estáveis ou cairão na maior parte das Ceasas. Com o fim da safra no cinturão citrícola, nos meses seguintes, até a chegada da colheita da próxima safra, os preços deverão subir suavemente em alguns entrepostos atacadistas, notadamente aqueles mais abastecidos pelo mesmo.



MAÇÃ

Hor

No mês em questão ocorreram quedas nas cotações na maior parte das centrais de abastecimento, principalmente na Ceagesp – São Paulo (-11,23%), Ceasa/ES – Vitória (-12,09%) e Ceasa/RJ – Rio de Janeiro (-10,15%), em decorrência da continuidade da colheita aquecida na Região Sul, à exceção da pequena elevação na Ceasa/GO – Goiânia (4,28%). Inclusive, o fornecimento catarinense às Ceasas aumentou 54% e o gaúcho em 3,6%. A elevação da oferta registrada na maioria das Ceasas destacadamente na Ceagesp – São Paulo (31%), Ceasa/ES – Vitória (83%), pode ser explicada pela continuidade da robusta colheita da maçã gala, que aumentou em relação ao ano anterior, principalmente, por causa das menores temperaturas na maior parte do período de dormência, que favoreceram o desenvolvimento, a qualidade e a produtividade dos pomares.

A colheita no mês foi tão expressiva que impactou nos preços de forma mais intensa, vindo diversos produtores a exportarem diversas frutas maiores e mais vistosas na primeira quinzena do mês e os classificadores a armazenarem outra parte nas câmaras frias, exercendo seu poder sobre a oferta. Já na segunda quinzena do mês a colheita continuou forte, em direção à reta final e concentrada nas maçãs médias e miúdas. Além disso, a demanda caiu no fim do mês, o que também contribuiu para a manutenção dos preços em níveis mais baixos.

Já a colheita da maçã fuji foi intensificada a partir da segunda quinzena do mês, o que acabou por reforçar o aumento da oferta no mercado nacional e implicará na continuidade de preços mais baixos no mercado de maçã em abril, já que o volume de gala a ser negociado continuará também considerável. A colheita da variedade fuji também deve aumentar em relação aos anos anteriores, o que resultará em uma safra bem mais volumosa.

Gráfico 17 — Preços médios (R\$/Kg) da maçã nos entrepostos selecionados.

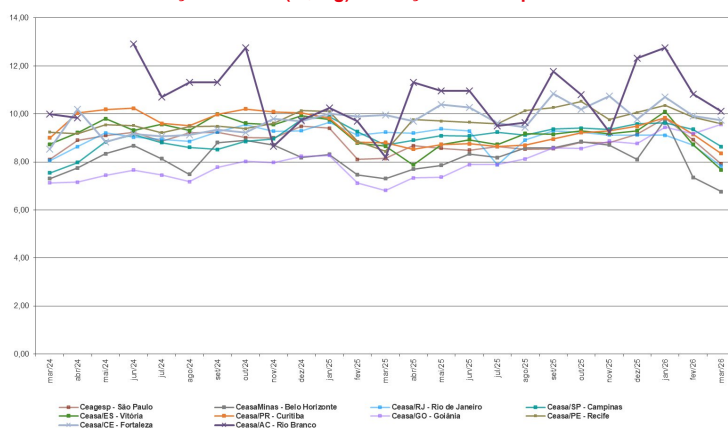


Gráfico 18 — Quantidade de maçã comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

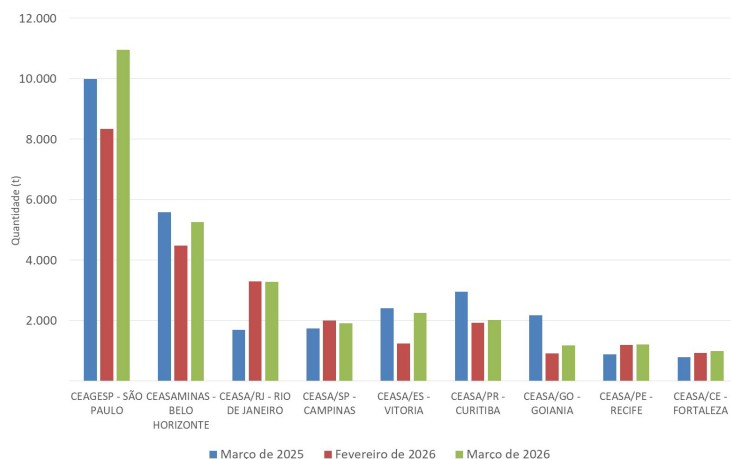


Figura 8— Principais microrregiões do país que forneceram maçã em março 2026.

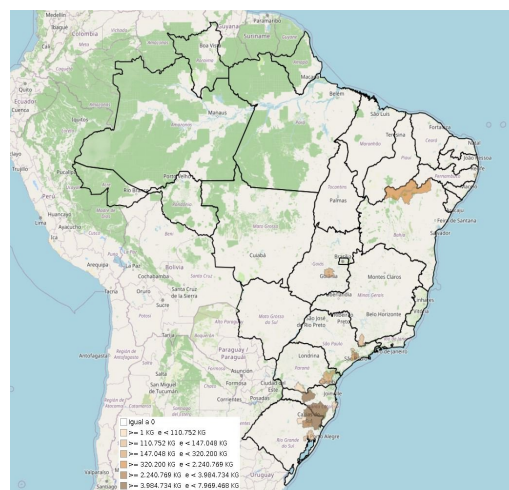


Tabela 8 — Quantidade ofertada de maçã por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
SC	13.427.367	CAMPOS DE LAGES-SC	7.969.467
RS	9.230.038	VACARIA-RS	6.370.429
SP	3.241.121	JOAÇABA-SC	6.082.965
NI	1.455.420	CAXIAS DO SUL-RS	3.608.951
PR	760.535	SÃO PAULO-SP	2.240.769
BA	320.200	IMPORTADOS	1.455.420
PE	216.934	ITAPECERICA DA SERRA-SP	430.272
GO	158.448	OSASCO-SP	398.782
MG	147.508	JUAZEIRO-BA	320.200
RJ	66.470	CURITIBA-PR	275.858
CE	56.000	SÃO MIGUEL DO OESTE-SC	232.072
MS	25.480	LAPA-PR	211.441
PB	4.740	GOIÂNIA-GO	147.048
		POUSO ALEGRE-MG	146.520
		PORTO ALEGRE-RS	139.335
		JUNDIAÍ-SP	127.266
		SUAPE-PE	110.752
		PALMAS-PR	108.768
		GUAPORÉ-RS	103.550
		FLORIANÓPOLIS-SC	96.540
Soma	29.110.261		

Para o mercado de maçã em geral, a média dos preços no atacado e varejo não sofreu queda abrupta. Recorde-se que a atual safra de maçã deverá ser maior em relação à safra anterior, pelo fato do inverno do último ano ter propiciado temperaturas baixas por um longo tempo às macieiras, resultando no bom acúmulo do número de horas-frio para as plantas, essenciais para a qualidade e coloração das frutas.

Em relação à primeira quinzena do mês de abril os preços, na sua maior parte, permanecerão estáveis ou cairão na maior parte das Ceasas, por causa do início da colheita da variedade fuji e o volume residual da variedade gala na Região Sul. Essa realidade de mercado contribuirá para que os preços permaneçam em menores níveis até o meio do ano, com perspectivas de aumento suave a partir do segundo semestre.

MAMÃO

O mês de março apresentou tendência indefinida para os preços, embora tenha ocorrido pequena queda de 1,83% na média ponderada, com destaque especial para a Ceasa/ES – Vitória (-20,45%) e Ceasa/AC – Rio Branco (-16,74%), além de elevação relevante na CeasaMinas – Belo Horizonte (19,37%). Já a quantidade comercializada subiu em quase todas as Ceasas, com destaque para a Ceasa/SP – Campinas (25%), Ceasa/GO – Goiânia (160%) e Ceasa/PE – Recife (32%).

Após apresentar aumento de preços em fevereiro, por causa da queda da oferta do norte capixaba e do sul baiano decorrente de chuvas que afetaram as floradas nos meses anteriores, o mercado do mamão papaya registrou queda das cotações em várias localidades devido, em primeiro lugar, ao aumento da oferta nas regiões citadas acima; inclusive, isso ajudou a explicar a elevação tanto na BA, ES, MG, RN e CE, sendo que nos dois primeiros estados a elevação foi de 18,3% e 13,1%, respectivamente.

Outro fato é que os elevados preços registrados em janeiro e na maior parte de fevereiro funcionaram como um freio a novos aumentos de preços. Soma-se a isso a maior suscetibilidade a algumas doenças fúngicas, causadas principalmente por chuvas mais intensas, que provocaram queda da qualidade em relação ao formosa (frutas menores e muitas com aparência indesejada ao consumidor). Além disso, a concorrência com essa última variedade de mamão citada, mais barato e com maior qualidade em diversas regiões, contribuiu também para a diminuição dos preços. Por fim, o fato de que março teve cinco dias a mais de comercialização em relação a fevereiro, que já é um mês menor e, por conta do Carnaval, teve ainda menos dias úteis disponíveis para a comercialização.

Gráfico 19 — Precos médios (R\$/Kg) do mamão nos entrepostos selecionados.

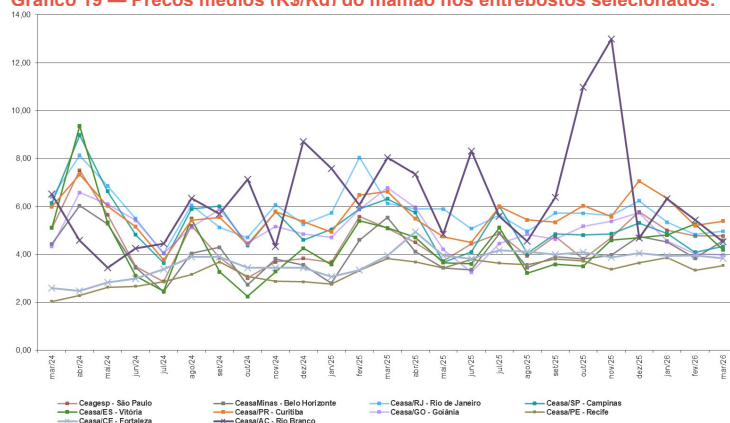


Gráfico 20 — Quantidade de mamão comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

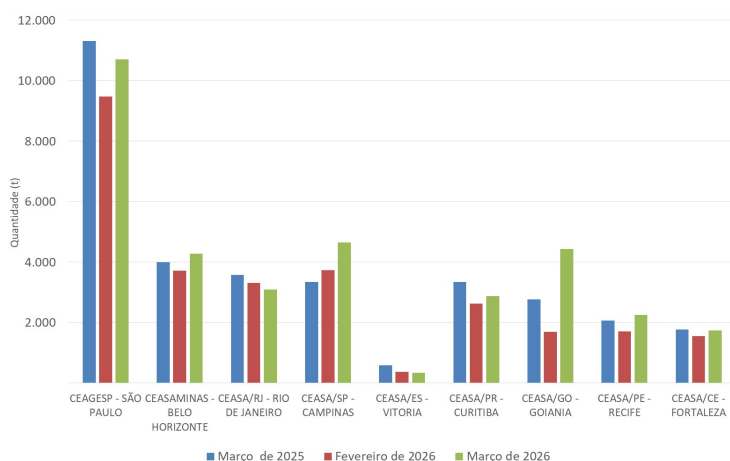


Figura 9 — Principais microrregiões do país que forneceram mamão em março de 2026.

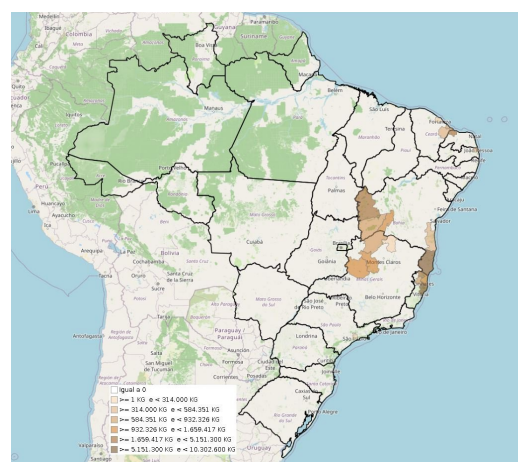


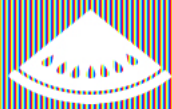
Tabela 9 — Quantidade ofertada de mamão por unidade de federação, março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
BA	14.775.806	PORTO SEGURO-BA	10.302.599
ES	11.550.434	LINHARES-ES	6.429.837
MG	2.733.145	MONTANHA-ES	3.824.950
RN	2.449.700	BARREIRAS-BA	3.154.470
CE	1.711.824	MOSSORÓ-RN	1.659.417
PB	592.939	BOM JESUS DA LAPA-BA	1.481.457
SP	285.039	SÃO MATEUS-ES	1.425.960
PE	201.101	PIRAPORA-MG	1.020.591
AC	57.985	PARACATU-MG	932.326
GO	35.260	NOVA VENÉCIA-ES	928.771
RJ	22.200	SANTA MARIA DA VITÓRIA-BA	740.620
PR	21.013	LITORAL DE ARACATI-CE	648.600
MS	9.800	JANUÁRIA-MG	584.351
SC	5.400	BAIXO JAGUARIBE-CE	480.960
DF	2.150	LITORAL NORTE-PB	474.937
Soma	34.453.796	ILHÉUS-ITABUNA-BA	354.640
		LITORAL SUL-RN	314.000
		JANAÚBA-MG	299.430
		FORTALEZA-CE	264.480
		SÃO PAULO-SP	208.350

No que diz respeito à conjuntura do mamão formosa, houve estabilidade da oferta e aumento das cotações, em virtude de seus preços apresentarem-se mais atrativos em relação à variedade papaya, além de sua qualidade ter se mostrado superior em relação ao concorrente, com menos doenças fúngicas que poderiam causar problemas tanto dentro da fruta quanto na sua casca. Esses fatores fizeram com que essa variedade seguisse com demanda mais elevada em face do outro tipo de mamão, inclusive para as frutas oriundas do oeste baiano e norte mineiro, com oferta estabilizada e sem grandes variações.

Em relação à primeira quinzena do mês de abril, em meio a uma demanda estável, os preços oscilaram para o mercado de mamão formosa, com maior preponderância de queda, na esteira do pequeno aumento da oferta em algumas centrais de abastecimento. Já em relação ao mamão papaya, não ocorreu preponderância na direção das cotações nas Ceasas analisadas.

A oferta da fruta deve crescer no mês de abril nas principais regiões produtoras, o que poderá pressionar ainda mais a rentabilidade dos produtores, já que os custos logísticos e com pulverizações tendem a aumentar por causa dos elevados preços do petróleo no mercado internacional. Já em outras regiões produtoras do Nordeste (interior baiano, cearense e potiguar), se a seca for muito forte, problemas com ácaros, que provocam manchas nas cascas, podem comprometer a qualidade das frutas.



MELANCIA

Hor

O movimento na maior parte das Ceasas foi de elevação tanto dos preços quanto da oferta, à exemplo do aumento das cotações na Ceasa/SP – Campinas (26%) e Ceasa/AC – Rio Branco (36% - em período de safra local), com elevação de 10,81% na média ponderada. Já os destaques para a oferta foram as elevações na CeasaMinas – Belo Horizonte (30%) e Ceasa/CE – Fortaleza (29%).

Excetuando-se a variação no entreposto carioca, que ficou bastante marcada pela pequena queda da oferta e das cotações, e no entreposto goiano, no qual os preços caíram mesmo com grande queda da oferta, por causa da entressafra local (em Uruana/GO), sob bastante influência da queda da demanda (a Ceasa/GO teve um dos maiores preços nominais registrados dentre os entrepostos analisados), nas outras localidades fatores como proximidade dos centros produtores para escoamento das frutas e demanda foram determinantes para o resultado médio encontrado.

Entrepósitos como de Belo Horizonte e de Campinas, mesmo com o aumento da comercialização, também registraram alta das cotações por causa da boa demanda local. No entreposto paulistano, por exemplo, a comercialização subiu minimamente. Com isso, dado o pequeno aumento da demanda, os preços também cresceram. As Ceasas do Nordeste seguiram uma dinâmica diferente por causa da comercialização de melancias locais: em Fortaleza, por exemplo, a oferta maior não resultou em grande variação das cotações por causa de uma demanda mais aquecida.

Gráfico 21 — Preços médios (R\$/Kg) da melancia nos entrepostos selecionados.

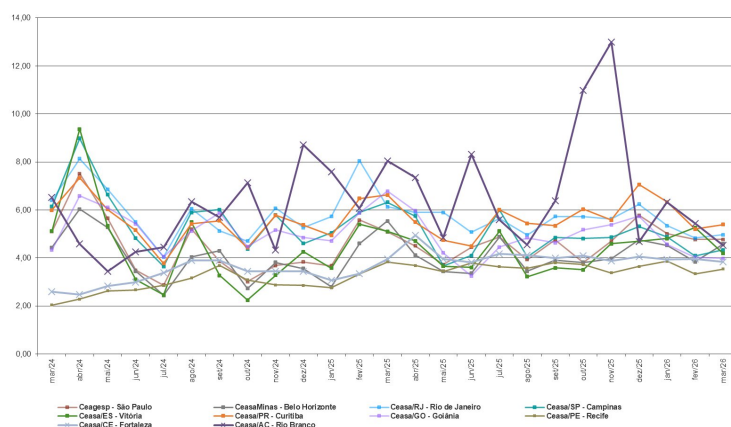


Gráfico 22 — Quantidade de melancia comercializada nos entrepostos selecionados, no comparativo entre março de 2025, fevereiro de 2026 e março de 2026.

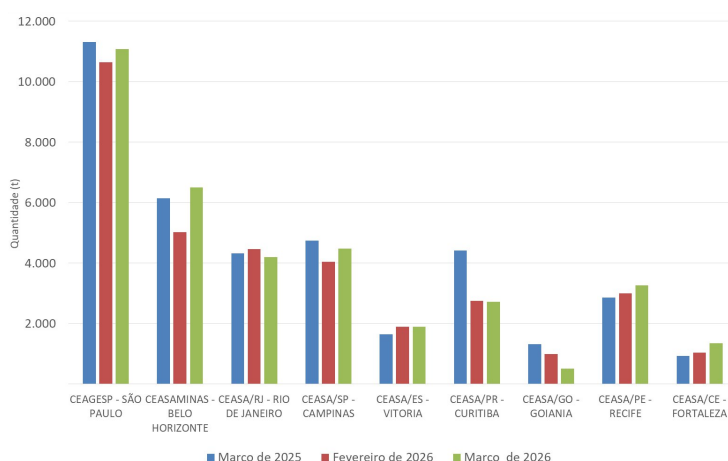


Figura 10 — Principais microrregiões do país que forneceram melancia em março de 2026.

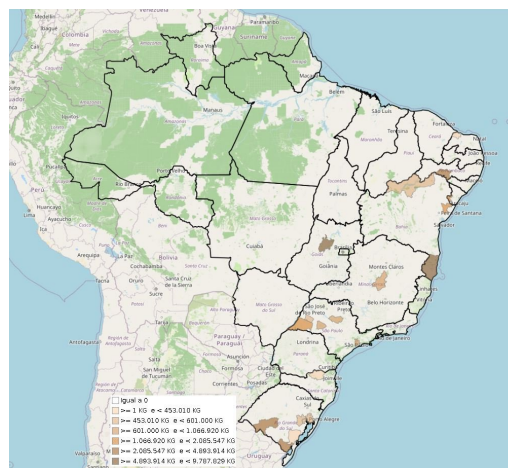


Tabela 10 — Quantidade ofertada de melancia por unidade de federação, em março de 2026, e principais microrregiões.

UF	Quantidade Kg	Microrregião	Quantidade Kg
BA	11.478.003	PORTO SEGURO-BA	9.787.828
GO	5.697.804	CERES-GO	5.809.443
RS	5.352.180	ITAPARICA-PE	3.303.704
SP	5.062.251	CAMPANHA CENTRAL-RS	2.237.315
PE	3.834.343	JAGUARÃO-RS	2.085.547
SE	1.166.650	PRESIDENTE PRUDENTE-SP	1.721.769
MG	738.624	SERRAS DE SUDESTE-RS	1.627.606
SC	556.904	TOBIAS BARRETO-SE	1.096.370
RN	498.292	ALAGOINHAS-BA	1.066.920
CE	482.074	ARARAQUARA-SP	1.028.345
TO	462.260	MARÍLIA-SP	900.071
ES	315.800	SÃO PAULO-SP	638.472
PR	198.060	CURVELO-MG	601.000
MS	108.000	PORTO ALEGRE-RS	599.170
AC	60.280	ADAMANTINA-SP	503.520
RJ	40.195	JUAZEIRO-BA	481.873
PA	18.000	SÃO JERÔNIMO-RS	453.010
MA	15.690	MOSSORÓ-RN	432.312
AM	5.300	CANOINHAS-SC	409.500
Soma	36.093.137	PELOTAS-RS	406.801

Quanto à dinâmica da produção, a safra gaúcha foi finalizada e, apesar de a maior parte das melancias apresentarem qualidade, os custos foram mais elevados, com destaque para os fertilizantes, logística e, preponderantemente, as pulverizações para combater doenças fúngicas. A queda do fornecimento de frutas às Ceasas, em relação a fevereiro, foi de 60%.

Na Bahia, a segunda parte da safra que começou no fim do ano atingiu pico produtivo no meio do mês, com algumas chuvas a dificultarem a colheita em alguns dias e a comprometerem a qualidade de algumas frutas, com o descenso da colheita acontecendo no fim de março. Os preços estiveram elevados e a qualidade geral foi satisfatória, em meio à menor produtividade decorrente de chuvas que atingiram as floradas nos meses anteriores. Mesmo assim, o fornecimento às Ceasas no mês aumentou 50%.

Além disso, em Ceres/GO, outra região produtora que sempre exibiu bons encaminhamentos de frutas às Ceasas mesmo em período de entressafra (elevação de 1,7% em relação ao mês anterior), ocorreu o atendimento basicamente a mercados locais. Já a colheita nas regiões paulistas não seguiu de forma uniforme, pois em algumas dessas regiões, chuvas se fizeram sentir com diferente intensidade, influenciando na produtividade das lavouras. No entanto, o fornecimento às Ceasas aumentou 121,5% relativamente ao mês anterior.

Em relação à primeira quinzena do mês de abril, os preços subiram na maioria das Ceasas, em meio à chegada do fim da oferta na Bahia (chuvas constantes que impactaram na produtividade), o fim da colheita gaúcha e o pequeno aumento de produção em São Paulo. A comercialização acabou diminuindo nos entrepostos atacadistas, em meio a uma demanda variável, a depender das regiões consumidoras.



EXPORTAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Em março de 2026, o volume total enviado ao exterior foi de 337 mil de toneladas, alta de 12% em relação ao primeiro trimestre de 2025, e o faturamento foi de U\$S 378,5 milhões (FOB), superior 18% em relação ao mesmo período de 2025 e 30% em relação ao mesmo período de 2024. As vendas externas estiveram aquecidas em março, principalmente com destino aos países europeus, asiáticos e os EUA, no que diz respeito às mangas, melões, melancias, abacates, bananas, laranjas e, principalmente, maçãs (+227%).

Banana: houve elevação das exportações, em relação ao mês anterior, de 43,5%, e queda de 7,15% em face de março de 2025. Já no acumulado trimestral em relação ao trimestre anterior ocorreu elevação de 13,77%. Nesse ano, com a maior produção da variedade nanica, as exportações devem ser superiores em relação ao ano anterior, notadamente os encaminhamentos para o Mercosul.

Laranja: houve elevação das exportações de suco de 20,9% em relação ao mês anterior e de 32,6% em face de março de 2025. Já as vendas trimestrais apresentaram aumento de 13,4% em relação ao mesmo período de 2025 e menores 12,4% em relação ao mesmo período de 2024, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esses aumentos foram possíveis com a boa comercialização da commodity para os EUA e a leve recuperação das vendas para a União Europeia em relação ao mês anterior. Se formos comparar o período exportador coincidindo com a safra (de junho a junho), as vendas externas estiveram praticamente estáveis, mas a receita caiu por causa da queda do preço do suco no mercado internacional.

Gráfico 23 — Principais frutas exportadas pelo Brasil no acumulado entre janeiro e dezembro de 2024,2025 e 2026

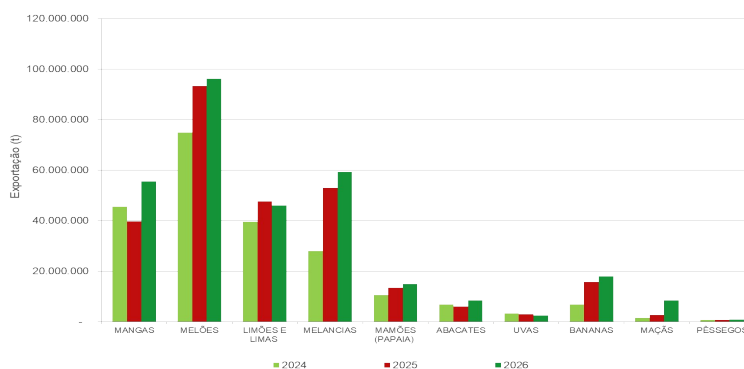


Gráfico 24 — Quantidade de banana exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

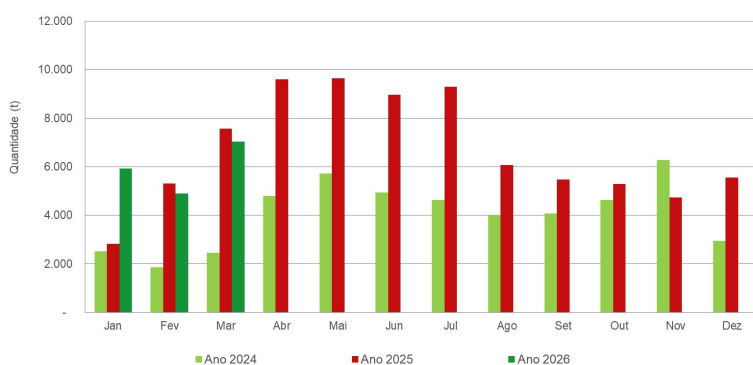
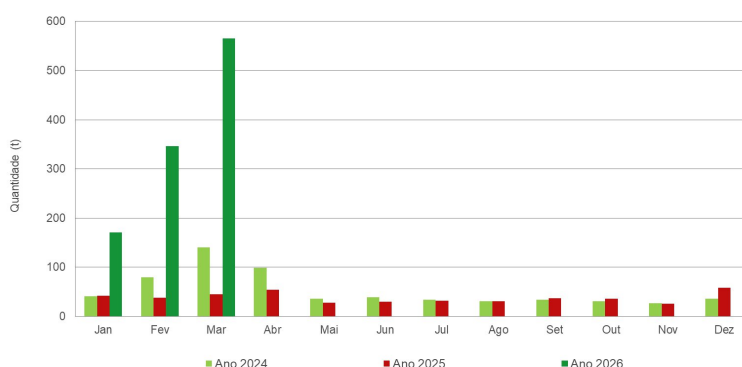
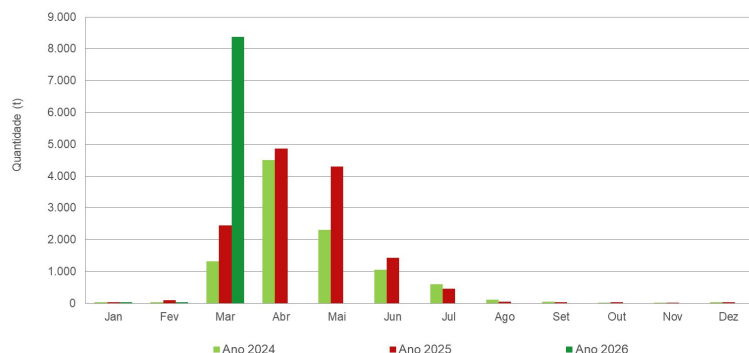


Gráfico 25 — Quantidade de laranja exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



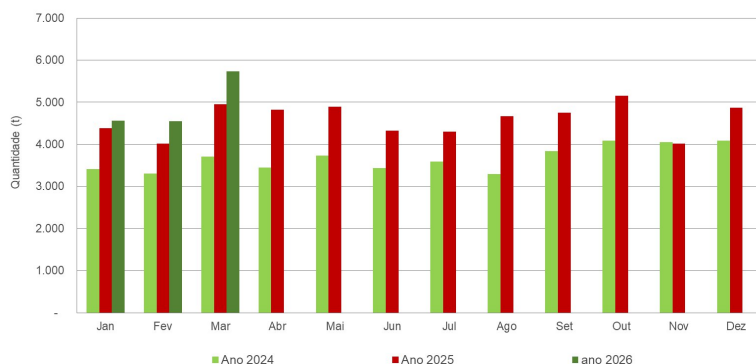
Maçã: As vendas externas em março de 2026 começaram bastante aquecidas: foram 243% maiores em relação a março de 2025 e superiores 228% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior. A temporada de exportações começou em março e deve atingir o pico no meio do ano. Com o provável aumento da safra 2026/27, o volume exportado deverá aumentar, como demonstram os resultados preliminares, principalmente para países europeus, asiáticos (Índia, Bangladesh) e Rússia. As importações das frutas comercializadas pelas Ceasas subiram 17,8%, fruto da maior demanda pelas maçãs graúdas sulamericanas e europeias.

Gráfico 26 — Quantidade de maçã exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



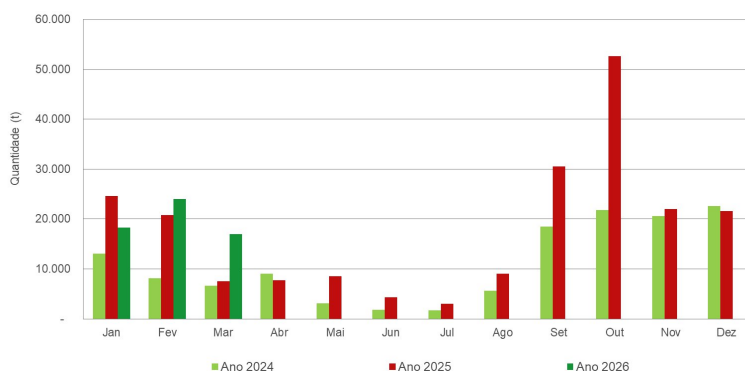
Mamão: As vendas externas em março de 2026, em relação ao mês anterior, subiram 26%, e foram 15,75% maiores em face de março de 2025. Já na somatória bimestral, o aumento foi de 11,1%. Com a produção de frutas de qualidade tanto pelas praças capixaba, baiana, potiguar e cearense, a tendência é que as exportações aumentem ainda mais, especialmente para a União Europeia, principal comprador da fruta e que tem apresentado demanda em aquecimento.

Gráfico 27 — Quantidade de mamão exportado pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026



Melancia: As vendas externas em março de 2026 foram 29,2% menores em relação ao mês anterior e 126,2% maiores em face de março de 2025. Já na somatória trimestral, a elevação foi de 12%. A produção brasileira na temporada 2025/26, que está na reta final, se mostrou altamente positiva em volume e rentabilidade, principalmente das minimelancias potiguares e cearenses. Isso evidenciou um resultado sólido, em meio à proximidade da chegada do fim da temporada exportadora.

Gráfico 28 — Quantidade de melancia exportada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026

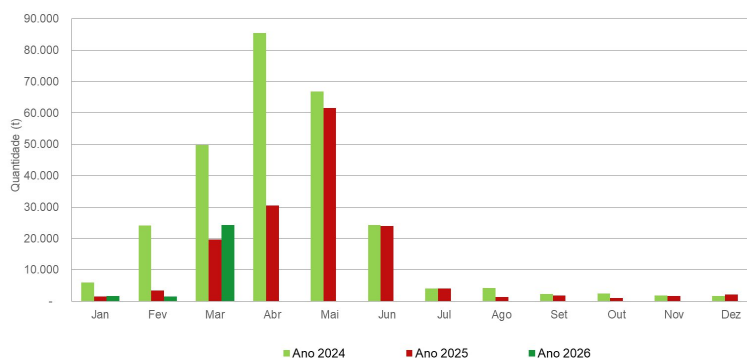


IMPORTAÇÃO DE HORTALIÇAS

IMPORTAÇÃO DE CEBOLA

Com os novos níveis de preços observados em março, impulsionados pela alta generalizada nas Ceasas, criou-se um cenário favorável às importações. Diante disso, o volume importado saltou de 1.549 toneladas para 24.288 toneladas, passando a representar parcela significativa do abastecimento nas Ceasas. Esse movimento não é inédito: em 2025, também foi em março que houve avanço nas importações, quando passaram de 3.471 toneladas para 19.728 toneladas. Assim, o incremento anual em março deste ano foi de 23,1%. No caso da cebola argentina, espera-se que a qualidade, que vinha superior à nacional, seja prejudicada pelas chuvas nas áreas produtoras. Além disso, as condições climáticas têm reduzido o ritmo de colheita, o que pode limitar as exportações daquele país para o Brasil. Como consequência, há expectativa de aumento nos envios do Chile, embora, a princípio, insuficientes para compensar a possível redução da oferta argentina em abril. Dessa forma, o avanço das importações chilenas pode até amenizar a alta de preços no mercado nacional, mas dificilmente será suficiente para provocar queda nas cotações em abril e maio. Cabe destacar que a cebola chilena ingressou no Brasil, em março, com custo superior ao da argentina e da produção catarinense, principalmente em função de sua melhor qualidade, o que tende a sustentar preços mais elevados.

Gráfico 28 — Quantidade de cebola importada pelo Brasil nos anos de 2024,2025 e 2026





CAPACITAÇÃO DE PRODUTORES DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA ACESSO INTEGRAL A MERCADOS: CONAB E CEASAS COMO INCUBADORAS DO PROCESSO)



O acesso a mercados mais exigentes por parte de pequenos produtores de frutas, hortaliças, leguminosas, ovos e outras culturas em menor escala produtiva, envolve um conjunto de ações voltadas para a profissionalização, capacitação técnica, acesso a tecnologias e gestão eficiente da propriedade.

O conhecimento de procedimentos e técnicas comerciais indicadas não é segredo, mas apenas uma questão do foco e oportunidade. Diversas situações de êxito são observadas, com empresas rurais de pequeno porte se tornando empreendedoras de muito sucesso, fornecendo alimentos a diferentes mercados em nosso próprio país e a mercados internacionais, pois o item principal e mais apreciado por todos os consumidores do mundo o Brasil já possui: uma maravilhosa e diversificada produção agrícola, em especial a trabalhada por nossos produtores da agricultura familiar.

Então, como fazer para comercializar para grandes redes de supermercados ou se tornar até uma exportadora de itens produzidos pela nossa agricultura familiar?

Sim, existe um caminho e um conjunto de regras para o acesso aos mercados muito formalizados, cujas normas, padrões de exigência, fiscalizações e nível de exposição, aumentam muito, pois como vendem muito, estatisticamente atraem maior atenção. Além disso, outros aspectos como as certificações de processos produtivos, selos de garantia de qualidade, comprovações de adoção de cuidados ambientais, sociais e outros que, mesmo não constando de obrigações legais, fazem parte de exigências comerciais.

De forma geral, a garantia de segurança do consumo, riscos de manipulação, facilitação logística, certificações de autoridades governamentais e de autenticadoras de processos de qualidade, são ações que podem ser implementadas e a Conab, no conjunto de ações e programas de abastecimento que desenvolvem e as Ceasas, por serem local preferencial de comercialização da agricultura familiar no Brasil, se apresentam com forte perfil para serem incubadoras desses processos de capacitação, abrindo oportunidades e criando boas expectativas.

A seguir, um resumo das principais estratégias de capacitação, baseadas em boas práticas e diretrizes de órgãos como a Embrapa, Senar, Sebrae, Emater e outras:

EIXO 1: Capacitação Técnica e Produção Sustentável

- Boas Práticas Agrícolas (BPA): treinar os produtores em higiene, manejo de solo, uso correto de água e manuseio de defensivos (aplicação e EPIs) para garantir alimentos seguros e de qualidade.
- Manejo Integrado de Pragas e Doenças: ensinar métodos que reduzam a dependência de químicos, como o uso de controle biológico e monitoramento constante.
- Tecnologia de Cultivo Protegido: incentivar o uso de estufas, telados e cobertura de lona plástica, que protegem contra pragas e doenças, aumentam a produtividade e melhoram a qualidade do produto.
- Gestão de Água e Irrigação: capacitar em sistemas de irrigação eficientes para otimizar o uso da água e evitar a contaminação por microrganismos patogênicos.
- Rotação de Culturas: implementar o cultivo de diferentes espécies na mesma área, o que melhora a fertilidade do solo e reduz pragas.

EIXO 2: Gestão da Propriedade e Comercialização

- Profissionalização da Gestão: Ensinar o pequeno produtor a tratar a propriedade como um negócio, com controle de custos, planejamento de plantio e análise de rentabilidade.
 - Legalização e Certificação: Auxiliar na obtenção do Cadastro da Agricultura Familiar (CAF), regularização junto à vigilância sanitária e obtenção de certificações de qualidade (orgânicos, rastreabilidade).
 - Mini-hortaliças e Produtos Gourmet: Estimular a produção de mini-hortaliças ou produtos diferenciados, que possuem maior valor agregado e menor desperdício.
 - Observação de consumos: tendências e hábitos da população, menores embalagens e refeições prontas.
- Associações e Cooperativas: Incentivar a união dos produtores para compra conjunta de insumos e venda coletiva, fortalecendo o poder de negociação.

EIXO 3: Apoio Estrutural e Capacitação Contínua

- Parcerias com Órgãos Técnicos: Facilitar o acesso à Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) oferecida pelo SENAR, Embrapa, Emater e Sebrae.
- Processamento Mínimo: Capacitar para etapas de pós-colheita, como lavagem, sanitização, corte, pesagem e embalagem (ex: hortaliças minimamente processadas) para aumentar a vida útil e valor do produto.

EIXO 4: Resumo das Fases de Preparação

1. Diagnóstico: Identificar o potencial da área e o perfil do produtor.
2. Capacitação: Treinamentos em BPA, gestão e técnicas de cultivo (SENAR/Embrapa).
3. Regularização: CAF, Vigilância Sanitária e documentos.
4. Implementação: Tecnologias (irrigação, estufas, mecanização leve).
5. Acesso ao Mercado: Ceasas, Programas operacionalizados pela Conab (Prohort, PAA, Sóciobiodiversidade, outros), PNAE, outras compras governamentais, vendas diretas ao mercado, oportunidades no mercado internacional, em especial em vista dos novos acordos visando o multilateralismo comercial).

EIXO 5: Certificações Para a Conformidade de Processos:

O cumprimento dos requisitos mínimos, como relação às premissas de qualidade e segurança alimentar, ambiental, social e trabalhistas, em respeito à legislação e normativos em interface, podem, ser satisfeitos com os processos de certificação. A seguir, alguns processos certificadores utilizados:

- 1) GlobalGAP (Good Agricultural Practeces): figura como um dos mais exigidos para os hortigranjeiros. Tem o foco na segurança alimentar, rastreabilidade, bem-estar dos trabalhadores, e preservação ambiental;
- 2) Rainforest Alliance: muito utilizado para culturas como o café, cacau e frutas. Trata sobre boas práticas agrícolas, biodiversidade e os meios de subsistirem sustentavelmente;
- 3) Fairtrade (Comércio Justo): Foca no impacto social, garantindo condições de trabalho justas, combatendo práticas exploratórias e valorização de trabalhadores de pequeno porte;
- 4) Bonsucro: normalmente usado do setor sucroalcooleiro, garantindo os processos de proteção ambiental, social e econômica;

Certificações Orgânicas

1. SELO IBD: a maior certificadora de produtos orgânicos da América Latina, atestando conformidade com padrões para atendimento de mercados como o do Brasil, europeus e americanos;
2. Certificadora Orgânica União Europeia: padrão exigido normalmente para a entrada de produtos orgânicos na Europa;
3. USDA Organic (NOP): Obrigatória para esse tipo de produtos nos Estados Unidos;
4. JAS (Japanese Agricultural Standard): solicitada pelo mercado japonês.
5. CERTIFICAÇÕES SANITÁRIAS E TÉCNICAS – Governamentais / Compulsórias:

Certificado Fitossanitário (MAPA/ ANVISA / IBAMA): obrigatória para praticamente todos os produtos de origem vegetal. O Brasil tem adotado a Certificação Fitossanitária Eletrônica (e-phyto) para agilizar a liberação nos países importadores;

Certificado de Origem: necessárias para quaisquer tipos de isenção tarifária;

Certificação Sanitária (Origem Animal): também emitida pelo MAPA, para proteínas animais e subprodutos. Atesta especialmente padrões de higiene do ambiente, insumos, processos de manipulação, fabricação, embalagens, depósito, etc.

ISBN 977-244658604-2



APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

